

Céu aberto

O azul é a espessura óptica da atmosfera, a grande lente do globo terrestre, a sua retina brilhante.

De além-mar até além-céu, o horizonte separa a transparência da opacidade. Da matéria-terra ao espaço-luz vai apenas um passo, o do salto ou o do voo, capazes de num instante nos libertarem da gravidade.

Mas o horizonte, a *linha do horizonte*, não é unicamente a base do salto, é também o primeiríssimo litoral, o litoral vertical, o que separa absolutamente o «vazio» do «pleno». Invenção despercebida pela arte de pintar e de distinguir toda a «forma» de um «fundo», a *linha de Terra* antecipa de longe a orla marítima, a «côte d'Azur*», esse litoral horizontal que frequentemente nos faz perder de vista a perspectiva zenital.

E de resto, toda a história das perspectivas do Quattrocento se baseia unicamente numa luta, num combate de géometras obstinados em fazerem-nos esquecer o «cimo» e o «baixo», concedendo um favor exclusivo ao «próximo» e ao «longín-

* Tal como no original. Nome da costa mediterrânea entre Toulon e Menton. O autor serve-se evidentemente do seu sentido literal, «costa azul». (N. T.)

quo» de um *ponto de fuga* que literalmente os fascina, ao passo que a nossa visão é propriamente determinada pelo nosso peso, orientada pela gravidade terrestre — o *distinguo* clássico entre *zénite* e *nadir*.

O primeiro ponto de referência da vista não é, pois, como pretendiam os nossos mestres italianos, o das linhas de fuga que convergem para o horizonte, mas o da fina pressão de uma atracção universal que nos impõe a sua orientação para o centro da Terra, que nos impede de cair.

Como explicava Victor Hugo: *A corda não descai, a Terra atrai*.

Na época da rápida poluição da atmosfera é tempo de pensar em renovar a nossa percepção das aparências. *Levantar os olhos para o céu* poderia assim tornar-se numa coisa diferente de um sinal de impotência ou de exasperação.

Com efeito, esconde-se uma perspectiva secreta *nas alturas*.

Dissimula-se atrás das nuvens uma outra fuga diferente da do ozono. A queda do primeiro voo dos irmãos Wright na praia de Kitty Hawk, ou ainda a descolagem da missão *Apollo 11* em Cap Canaveral, indicam-nos um outro caminho, uma reorganização exótica da vista que teria finalmente em conta uma possível *queda nas alturas*, ocasionada pela aquisição recente da «velocidade de libertação» da gravidade, 28 000 km/hora.

Preocupados neste final de milénio em desenvolver a velocidade absoluta dos nossos modernos meios de transmissão *em tempo real*, omitimos frequentemente a comparável importância histórica de uma outra velocidade-limite, aquela que nos permitiu escapar ao espaço real do nosso planeta e, por isso, «cair nas alturas».

Vertigem inversa, que nos obrigaria talvez a modificar a nossa concepção da paisagem e do meio ambiente humano.

Desta forma, a nossa geração acaba não somente de descobrir um buraco na fina camada de ozono que outrora nos protegia das radiações cósmicas, mas também de escavar outro buraco no azul, uma vez que, a partir de agora, o céu foge-nos.

O ponto de fuga para o horizonte do Quatrocento é superado agora pelo do Novecento: *há hoje uma saída nas alturas...* Uma contragravidade artificial permite ao homem perder a atracção telúrica, essa estabilidade do espaço gravitacional que desde sempre orientou as suas vulgares actividades.

Tudo oscila neste final de século, não só as fronteiras geopolíticas, mas também as da geometria perspectiva.

É a reviravolta*! A desconstrução é a das aparências e do aparecer pela arte, e mais ainda, a da súbita transparência da paisagem mundana.

Brevemente vai ser necessário aprender a voar, a nadar no éter.

Se quisermos reorientar as nossas práticas de todos os dias, é necessário mudar de referências, deslocar os nossos limites para «baixo» e «cimo».

Se a perda das lonjuras inacessíveis é acompanhada por uma proximidade mediática que tudo deve à velocidade da luz, muito em breve devemos também acostumar-nos aos efeitos das distorções das aparências provocadas pela *perspectiva do tempo real* das telecomunicações, perspectiva onde a antiga linha de horizonte se encolhe no quadro do ecrã, suplantando a electro-óptica a óptica dos nossos óculos!

E isto enquanto esperamos a última grande surpresa da astrofísica: *já não há espaço digno desse nome para-além da atracção terrestre, somente tempo!* Um tempo que assumiria sozinho a realidade cósmica.

* *Cul par-dessus tête* no original. (N. T.)

E de resto, não acabam de afirmar certos astrónomos e matemáticos que o tempo tem uma inércia, que o tempo seria uma matéria... uma outra espécie de material¹?

Quando os nossos astrofísicos falam da «matéria-espaço-tempo»² e não apenas do «espaço-tempo», contribuem para que se encerre a extensão e a duração na rede de um outro tipo de materialidade cósmica que não tem relação com a nossa experiência da tripartição material, espacial e temporal.

Ao introduzirem um terceiro tipo de intervalo do género «luz» ao lado dos outros dois, do género «espaço» e do género «tempo», eles provocam a emergência de uma última concepção do tempo, não já unicamente *o tempo da sucessão* cronológica clássica, mas a concepção de um *tempo de exposição* (cronoscópico) da duração dos acontecimentos à velocidade da luz, aquilo que certos escritores, preocupados com investigações policiais, já tinham há muito adivinhado. Com efeito, segundo o interrogador de Émile Gaboriau, se «*o tempo é mais uma obscuridade*» que apaga progressivamente os indícios e acaba por dissimular a verdade dos factos, então *a velocidade é a sua luz*, a sua única «luz», e já não se pode considerar a duração — toda a duração, como toda a extensão — sem o auxílio da iluminação de uma rapidez absoluta que modifica o entendimento do tempo.

Ao tempo *que passa* das mais longas durações acrescenta-se hoje, pois, um tempo *que se expõe* instantaneamente: o das mais curtas durações, do domínio do electromagnetismo e da gravidade.

Imagina-se facilmente a perturbação desta nova «concepção do mundo», os seus efeitos sobre a própria natureza

1 Ver a este respeito a teoria do professor R. J. Taylor, da Universidade de Sussex, e do professor Alexander Abian, do Departamento de Matemática da Universidade de Iowa, 1991.

2 G. Cohen-Tannoudji e M. Spiro, *La matière-espace-temps*, Paris, Fayard, 1986.

da PERSPECTIVA, e por conseguinte sobre a orientação das actividades humanas: *se o tempo é matéria, o espaço é o quê?*

Já não é o espaço «geográfico» das louras colinas da Toscana, sob o Sol da Renascença italiana, espaço «geométrico», que tinha conseguido moldar, com o relevo perspectivo, uma visão durável do mundo próximo, é antes o espaço de além-céu e de além-mar, esse putativo «espaço cósmico», cuja obscuridade já não é a da ausência de Sol mas a da *noite de um tempo sem espaço* e sem outra extensão mensurável do que a desses «anos-luz» sem estações, dado que, à alternância diurno/nocturno, se acrescentaria, a partir de agora, *uma alternância do espaço terrestre e da sua ausência extra-terrestre*.

Desta forma, ao dia do tempo dos nossos anos-matéria, acrescentar-se-ia uma noite da ausência de espaço dos anos-luz, o reino obscuro de uma massa ausente que se identificaria finalmente com o tempo universal, quer dizer, com uma temporalidade para-além do mundo, sem nenhuma relação com o carácter fundamentalmente espaço-temporal das nossas actividades no seio de um planeta em *suspensão no tempo*; o éter de um «tempo-luz», sem analogia com a nossa habitual apreciação da duração e da extensão geofísica.

Ouçamos o físico especialista da famosa massa ausente: «Quais são as partículas que formam a massa negra, a importante parte não luminosa do Universo? É tentador supor que os halos sombrios das galáxias são feitos de partículas pesadas excedentárias. Estas partículas pesadas encontrar-se-iam na forma compacta de pequenas estrelas escuras — as anãs crepusculares — mas estes objectos celestes formam apenas uma pequena parte da matéria negra do Universo¹.»

¹ *Les chemins de la science*. Texto estabelecido a partir dos conteúdos do relatório de conjuntura de 1992 do Comité National de la Recherche, Paris, CNRS, p. 9.